



CÉREBRO-BRASIL, O OUTRO E SUA GERÊNCIA NA OBRA ARTÍSTICA GRANDE, DE LAURA LIMA

Roberto Corrêa dos Santos

Cérebro-Occidente
Cérebro-Brasil Laura Lima

Trata-se da leitura da obra GRANDE, de Laura Lima, apresentada na Casa França-Brasil (Rio de Janeiro, fevereiro de 2011), constituída por quatro instalações potentes de sentidos artísticos e políticos interferindo diretamente na arquitetura neoclássica, de 1819, com projeto do francês Grandjean de Montigny. GRANDE abarca a imagem formal das favelas do Brasil e de elementos constituintes de modos de agir 'nativos'. Importa apresentar como o imaginário da arte de Laura Lima homenageia (corroendo e dedicando-se a) uma das tópicas daquilo que venho nomeando Cérebro-Occidente: o outro.

1 Há em todas as partes da obra GRANDE, de Laura Lima, o enorme gosto por realizar o-que-deve-ser-no-ato-de-seu-possível; daí seu fulgor afirmativo.

2 E há delícias, diz a obra, naquilo que se elabora ao estar no esforço de braços com o espaço, com a temível e nua sabedoria de seus pontos e linhas materiais.

3 Tal esforço expande a obra – diz em relevo e em grande efusão – e interessa para alargar forças.

4 Do mesmo modo, grita a obra: ser o ponto supostamente finalizante do anel lança a potência da arte contemporânea nas sabedorias do girar.

5 Assim, oferece-se a fazer o torno, a curvar o espaço para mais ainda diretamente desconstruir, com afeto, amplas ideias sobre C.U.L.T.U.R.A.

BRAZIL-BRAIN, THE OTHER AND ITS MANAGEMENT IN THE GRANDE ART WORK OF LAURA LIMA | *This is an interpretation of Laura Lima's work GRANDE [GREAT], exhibited at Casa França-Brasil (Rio de Janeiro, February 2011), made up of four installations full of art and political meanings and directly interfering in the 1819 neoclassic architecture of the building, designed by Grandjean de Montigny, a Frenchman. GRANDE [GREAT] encompasses the formal image of Brazilian slums and elements that constitute 'native' forms of behavior. It is relevant to present how Laura Lima's art imagery pays homage (by both undermining and surrendering) one of the topics I have been calling Western-Brain: the other. | Western-Brain, Brazil-Brain, Laura Lima.*

Escolha
2010

Três cortinas de veludo sequenciadas, bordeaux, azul e preta, na entrada de um ambiente muito escuro e frio que guarda um segredo. Apenas uma pessoa de cada vez entra no lugar

6 *GRANDE* debruça-se sobre o que se define por esta matéria: C.U.L.T.U.R.A. [vocábulo ou fórmula para firmar e reafirmar entendimentos antigos, históricos e constantes no mundo dito mundo nosso. C.U.L.T.U.R.A., talvez, a inimiga da arte].

7 À ampla Sala Única da Casa França-Brasil, pois, segue, decidida, *GRANDE*.

8 Faz acontecer ali o desabamento do *isso* – do *outro*, *daquele* que – dizem – faz alguém ingressar naquela: na orla da C.U.L.T.U.R.A.

9 Nela, enorme: *GRANDE*, admirável instalação de quatro elos.

10 *GRANDE* cuida *disto*: de o *outro*.

11 E o *outro* monta sua história desde antes do que se postulou chamar de filosofia, ultrapassa-a e segue sob mutações, dando o desenho-esboço de novo *Cérebro*, o *Cérebro-Brasil*.

12 A complexidade radical dessa figura, o *outro*, está presente em todos e, visivelmente, em artistas e pensadores de vária espécie, nos mais e nos menos poderosos em seu âmbito: em nenhum – talvez possa ser afirmado – o *outro* (a questão, a sombra, o efeito, a carne, o espectro) esteve jamais ausente; em cada um pôs-se – o *outro* – a escrever, nunca cessando de exigir que fosse também ele – o *outro* – predominantemente escrito, grafado: em todos, seu estilete.

13 As especulações sobre o *outro* – *o-este-a-conhecer*, *a-comentar*, *a-ser-desfeito* – acentuam que, para se refletir, no Ocidente, um dos mais efetivos fatores estará sintetizado em sua disposição orgânica, obediente à lógica, tão econômica quanto sutil, dos modelos analógicos processados por meio da relação entre os improváveis diferidos o *mesmo* e o *outro*; em *GRANDE*: Brasil, França.

14 Quanto aos exames do intercâmbio das referidas entidades constituintes e formadoras do sis-

tema de sinais da vida mental (cultura e subjetivação), sublinhe-se, embora de modo insuficiente e ligeiro, um contundente aspecto diferenciador, isto é, o de não mais observá-las como pertencentes à convenção de alguma disciplina em particular e sim aos domínios diversos de fazer-se o pensamento.

15 E este, o pensamento, desenvolve-se por intermédio de infinidades de agentes, pois – conforme compreensão pragmática – sentidos transitam, marcam lugares, seres, circunstâncias, processos; de tal maneira, produzem-se valores, conceitos, imagens, angulagens e orientações.

16 Práticas de pensamento, como *GRANDE*, agem destinadas a dar, ao pensado, formas, ora mais sólidas, ora mais fluidas, ora mais agudas; em sua maioria, formas capazes de manter pulsante (repetido e ou alterado) um de seus mais almejados objetivos: o de sustentar e ou abalar (eis o foco posto para que se ilumine e se estenda o exame de o *outro* em sua atravessada presença, em suas tantas emergências) o *Cérebro*, o *Cérebro-Occidente*.

17 *GRANDE* põe em análise tal orgânica maquinaria, atravessando-a, expondo-a, por tensões da ordem da diferença; e isso, plasticamente.

18 O *outro*, no caso, finca-se, em sua real presença, na arquitetura monumental, com projeto do francês Grandjean de Montigny; esse *outro* não pode ser confundido, em sua materialidade e expressão, com, simplesmente, aquilo que se tem chamado de metafísica ocidental, nem com a ideia genérica de metafísica como a filosofia do Ocidente: essa é apenas um dos alimentos com que o *Cérebro-Occidente* se nutre.

19 Impõe-se sim tomar esse *Cérebro-Occidente* – tendo em conta a proposição de que se encontra em funcionamento, há longo tempo, com seus mecanismos e dados organizadores – como um



Mágico Nu
2009/2010

O ambiente é o de uma oficina. Metade das prateleiras é ortogonal, a outra metade está em caos absoluto. Sobre as prateleiras, toda sorte de objetos, livros, ferramentas, cadernos especiais, um inventário particular. Algumas coisas flutuam no ar, como se não houvesse gravidade. O mágico trabalha, organiza as coisas, faz esculturas sem grandes perspectivas, lê, escreve, espera, pensa, desorganiza.

Cérebro que pode ser descrito nos termos como hoje procura fazer parte das ciências biológicas, nelas incluso campos da neurociência, envolvendo pesquisas cognitivas e hipóteses sobre reinscrições de enunciados das culturas na ordem das cadeias celulares, logo, como mecanismos predominantemente neuronais, móveis em seus fluxos transmissores e na produção de senso transpostos por dispositivos físico-químicos.

20 Opera o *Cérebro-Occidente* com marcas linguísticas e mecânicas a distribuir – e a fixar – *substâncias qualificáveis*; esquemas, portanto, de certa maneira primários, se observado seu teor altíssimo de rentabilidade; por sua economia minimalista, tornam-se esses esquemas capazes de gerar, e de impedir, multiplicidades de conhecimentos, inteligências, percepções, estados, acionando controles básicos, repetitivos e programados.

21 Apresentar o *Cérebro-Occidente* exige que se convoque e se decomponha e se analise a tradição do pensar por ele produzido, lembrando ser ele, por sua vez, simultaneamente também por aquela tradição estruturado.

22 Em *GRANDE*, ao indicar os polos *mesmo/outra*, revela-se do *Cérebro-Occidente* uma de suas

condutas criadoras mais comuns: a utilização de sensores contrapostos, abrindo-se em seqüências de reconhecimentos opositivos: o claro; o escuro; o alto; o baixo; o trabalho; o capital; a magia; a racionalidade; o equilíbrio; o desabar; o sem vento; o tsunami; o estático; o movimento; o vertical; o horizontal.

23 Possui o *Cérebro-Occidente* recursos regenerantes, gamas de medições que permitem complexar as dualidades, ativando-as, de modo a ampliar, misturar, aproximar, contradizer e, sempre que necessário, rever a 'si mesmo', readaptando-se, ou seja, retraduzindo constantemente seus constructos cognitivos e emocionais.

24 O princípio máximo a reger o *Cérebro-Occidente* para ele poder manter-se em pleno funcionamento é o da própria natureza: o princípio de que todo organismo tende a afirmar a única pulsão existente, a de vida; nesse horizonte, as forças movem-se em direção à vida – vida quer vida.

25 Assim, um cérebro, um cérebro particular qualquer, no Occidente (um cérebro, qual uma '*parole*' a manifestar uma das possibilidades da '*langue*' *Cérebro-Occidente*), visa sempre dar sustento a seu sistema vital.



Panorâmica da exposição GRANDE de Laura Lima
(dez. de 2010 a fev. de 2011)
Casa França Brasil

26 Cada cérebro consiste na manifestação singular e constante de algum Cérebro – ali, o *Cérebro-Occidente* –, construído e em contínua manutenção: será em seus domínios e com seus materiais e instrumentos que a maioria das grandes obras (bem como das pequenas) se fará. As obras GRANDES retomam-no, desafiam-no, refazem-no; obras outras reafirmam-no a seu modo, e com imensa insistência trabalham para mantê-lo inalterado.

27 O *Cérebro-Occidente* chega a pontos bem altos conforme demonstram seus fazeres e postulados; daí pertencerem certos inventos culturais expostos em atitudes, trabalhos, sentimentos à história de longa duração: graças à firmeza de seus comandos (histórico-químicos) e de seus diversos meios de graduar as necessárias e imperceptíveis variações de o mesmo para assim *mesmificar-se* – sempre com o fim de que o *Cérebro-Occidente* esteja em vigor.

28 Cabe – eis as obras ocidentais – não apagar a potência dos conteúdos e dos enunciados feitos

pelo *Cérebro-Occidente*, mantidos em arquivos e com estoques sempre disponíveis para, velozes, agirem diante de qualquer ameaça à garantia de sua vitalidade, de sua permanência; obras e seres dedicam-se a; somos, muitas vezes, neste mapa a descrever-se, representantes, aliados, servos e, sob algum ângulo, senhores do *Cérebro-Occidente*; remeta-se, como parêntese especulativo, às históricas *Torres Gêmeas*: em face de sua queda, o *Cérebro-Occidente*, o coração do *Cérebro* (o espaço político-econômico-geográfico em que elas se ergueram) reage; reage energicamente; nelas, o *Cérebro* (eixo do sistema nervoso central) tem sua figuração exemplar: o duplo, a altura, o império; ao tombar, estremece-se todo o *Cérebro*, como se – olhando-se o termo não da perspectiva freudiana, mas do ponto de vista ortopédico – aquilo que ocorrera se pudesse traduzir em o *trauma*; e essa... contusão gerará respostas – enérgicas, desesperadas e urgentes, em virtude de o *Cérebro* impor equilibrar-se rapidamente, para reduzir o pânico por sentir-se acuado diante do ter de aceitar a ideia e a corporeidade da existência de um *outro*, o *outro Cérebro: o-outro-de-aquele*.

29 Eis o que fazem Laura Lima e *GRANDE*: violento sopro: um desabamento junto a imagens diversas de um *Cérebro* outro que ali se adentra: o *Cérebro-Brasil*: a rede horizontal (no Brasil, a horizontalidade expandindo-se) e amplíssima cortando a verticalidade racional do Prédio; o casal arcaico e sereno, eles nus, na rede, calmos.

30 *GRANDE*: pós-Macunaíma (não mais um Projeto de um Brasil); pós-Oitica (não mais proposição de um a-fazer); pós-Deleuze (nem deslizamento, nem dobra; e sim a força-favela, o efeito-favela. Maior bem maior do que a força capim).

31 Puxa *GRANDE*, com braço vigoroso, o teto para o chão: o lustre e o corpo aconchegam-se;

convida-se a sair da claraboia: entrar no escuro: não no escuro do tempo, como indicara Agamben – o escuro considerado um dos traços do contemporâneo –, mas no escuro espacial, em que há matéria, corpo, espaço, larguras: o tempo, se existisse, estaria submetido a esses poderes do ali, do este, do solo; porém sequer há o tempo: a matéria decompõe-se: trata-se de lei sua; nada relacionado a tempo, e sim a condições, e a contingências.

32 Mas, qual todas as coisas com vida, o *Cérebro-Occidente* demonstra sempre seu querer: o *Cérebro-Occidente* quer – (o querer) viver, a qualquer preço: alterando funcionamentos, regras, valores: devorando, se preciso.

33 O *Cérebro-Brasil* (diverso também do *Cérebro-Ocidente*) também quer. Quer viver. E já hoje é obra agindo-agindo-agindo.

34 Que se convoquem para observação de *GRANDE* o confronto (*Cérebro* contra *Cérebro*) e o acolhimento (*Cérebro* e *Cérebro*).

35 Faz-se a História de lutas entre *Cérebros*, e não se trata de metáfora, mas de sistemas neuroculturais: células, impulsos, forças imperativas e ordens a transformar em substâncias químicas a enorme incidência das *frases das culturas* (estados, direções, condutas, interesses, ideologias); na discussão das necessidades de *Cérebros*, importa acompanhar em minúcia os recursos para transformação de linguagens sociais em linguagens orgânicas; em *cérebro*, *cérebro* de cada um, *cérebro* 'ele mesmo', dá-se o trabalho ininterrupto de externar as sentenças do *Cérebro*, de algum *Cérebro*.

36 Não é sem razão o ter-se tanto utilizado a frase pertencente a certa disposição discursiva já constituinte do *Cérebro-Occidente*, a notável frase, geralmente aceita e compartilhada, nascida da fabulação reflexiva sartriana no intuito de fincar o consenso de um sentido, em sua força na mente,



Homem=carne/Mulher=carne - pelos + Rede.

1997/2010

Um casal nu descansa numa grande rede. Ele teve suas sobrancelhas alongadas por fios de cabelo, ela, os pelos pubianos. A rede possui 25 metros de extensão.

ao considerar o *outro* o *inferno* – o *inferno*, o *outro*; e, assim, de fato, a prática diária entenderá o *aquele*, à nossa face, via a presença de seu traço infernal: seu *não* (não faça, não diga, não...); a constante negativa (inclusa no *sim*, por tiranias) ressalta e reforça seu poder – além de germinante – impeditivo; até no que concede, os seres dramáticos de Sartre, na clausura, fechados, indicam isso; mas bem lá, com suas inteligências, permitem visualizar a possibilidade de, seja como for, não haver o *outro* senão pelo mesmo ilusionismo das quatro paredes cênicas.

37 E possível fresta de leitura do *Cérebro-Occidente* mostra também a realidade risonha de o *outro*

ser o outro de o outro de o outro; todos: *outros*, *outros*: desdobrados; não existindo tampouco o *mesmo-em-si*; o *outro*, pois, como a espiral de o *outro*, e a, se for o caso, inverter as pontas da fórmula.

38 Não há o *outro* nele próprio, deve-se reconhecer, para que se obtenha uma provisória estabilidade: conhecimentos de códigos estáveis são exigidos pela vontade de vida, a comportar a hora saudável do repouso, obrigatório a qualquer existência: o suposto *mesmo* revela-se sendo de o *outro* o *outro*; percebe-se em *aquele quase-não-ser*, o *aquele* que até então se julgava lhe dando um nome que pudesse tranquilizar a estranheza: os

sistemas funcionais e lógicos do cérebro particular, como os do *Cérebro-Occidente*, assim o fazem: encontram-se permanentemente apalpando, querendo entender o mundo – sem domínio de suas artimanhas plásticas, sufocantes fantasmagorias.

39 A vida subjetiva e a social realizam embates entre: idealizar e desidealizar; o *outro*, se dominante, tende a abrir espaços para o surgimento de fantasmas: fantasmas que – fora de controle – poderão crescer a ponto de levar a rupturas, a cisões, a cortes absolutos dos processos históricos e de subjetivação.

40 Distúrbios são também potências integrantes; porém tudo reabsorve o *Cérebro*, gerando não só matérias sociais como também respostas estéticas: desordens (e palavras afins) devem ser entendidas distantes do senso comum, para reduzir o terror que ronda os cérebros da ameaça: a doença, o terrível *outro*.

41 Curvas (da mente, da história, da arte) devem ser vistas sob ângulos das aritméticas: somas; multiplicidades: operações numéricas; que ocorra menos medicina no olhar (como normas, rótulo, protocolo) e mais matemática: geometrias, espacialidades improváveis, aberturas; álgebras, expressões – abre-se em *GRANDE* tal saber.

42 Os cérebros dessas forças espaciais irrigados conseguem estabelecer ligas entre os partidos *este* e *aquele*; nos casos ainda chamados clínicos, revelam-se os desenhos sociometais, sociobiológicos, que se estruturam em torno de arcaicas convicções subservientes e auxiliares à proliferação de fantasmas: o fantasma – seriíssimo –, o *outro* a adentrar-se no corpo, a alojar-se no cérebro, a habitar a vivência da máquina dita *eu*; dela fantasmas alimentam-se; por ela manifestam-se: monta Laura Lima a sala escura e seus sons.

43 Distinta natureza de Clínica, a Clínica de Ar-



Homem-carne/Mulher=carne - baixo
1997/2010
O teto foi rebaixado a 40cm do chão. A
única iluminação local é a de um lustre
que toca o chão. Uma pessoa com um
corpo especial está deitada todo o tempo
no local.

tista, afirmará que o fantasmas riem, que se pode rir dos fantasmas, e que existem plurais direcionamentos para a vida; na vida, a farta adubagem para ações criadoras.

44 De o *outro*, que se retire a regência: e só assim, para expandir a luminosa palavra de Sartre, destaque-se que ela, parcialmente, convém à enorme ocidental sabedoria em sua beleza contundente, cujo impacto não para de cessar.

45 A frase de Sartre, ao considerar o *outro* sob a égide de uma radical importância, alimenta, em primeira instância, o *Cérebro-Occidente*; dar-lhe o sublime campo do *Inferno*, campo sublime e enobrecedor (o *outro* não o merece, não merecel!); o *Inferno* de Sartre remete ao de Dante; portanto, o termo – *Inferno* – não reduz ou submete o *outro*; ao contrário, eleva-o a um estatuto extremo; oferece um nível de grandeza e de potência a que o *outro* (se emparedante) não faz jus: para que cérebros possam espalhar-se e crescer de maneira mais livre, o *outro* há de ser visto tão só como um dos componentes da partida, disponível à dança, um entre muitos no jogo, convocado por sua capacidade de estímulo, por suas virtudes de par excitante, uma personagem política.

46 Que se construam novos lugares de entendimento para que se desfaça o estatuto de elevação e de importância de o *outro*: a sentença, agora, sequer *inferno*, o *outro* propõe retirá-lo da proximidade semântica com o magnífico ambiente – o *Inferno*: o *outro* não é sequer tal; não tem a altura para a seção mais bela de *A divina comédia*,



uma das mais radiantes encenações críticas do *Cérebro-Occidente* (da obra de Dante e de Sarte, o *Cérebro* também se vale; delas necessita).

47 Logo, o *outro* não deverá alhear-se à esplendorosa arte de criar o belo e a crueza; não pode receber nem esse sítio nem esses sinais: necessário será ferir a imobilidade provocada por o *outro* indo bem no eixo do patamar comum do *Cérebro-Occidente*.

48 Assim o *outro*, nesta tese aqui a mover-se, terá de ser posto como um dos pontos a compor simplesmente a disposição lúdica da Política: o *outro* pode ser mirado e descrito segundo os campos



que ocupar, sendo bem medidas as distâncias e as relações – como e sob que cálculos o *eu* age frente a o *ele*, e a o *outro*; isso, para que não venha a ser o *outro*, sob qualquer hipótese, o Inferno: excessivo valor a o *ele*, a o *outro*.

49 *GRANDE* diz da arte de ultrapassar *aquele-outro*, considerando-se todas as vontades e energias de um diferido *cérebro-a-fazer-se*, compreendendo-se o tabuleiro em que se encontram as variedades de *outros* e *outros* e *outros* e *outros*: fazê-los brincarem; trazer a proposição de tornarem-se todos *outríssimos*, superando, já que aquilatados, dominâncias; tão apenas: *outros*, ali, colocados na feitura do múltiplo.

50 Artes fortes criam com a massa tanto de *aquele-outro*, quanto de esses *novos outros*: a mencionar um artista extremo, situe-se: Platão; e para avançar nesse esforço de reinventar a alteridade, dois: Espinosa, Nietzsche – o arco dos afetos, da diferença, o braço a braço, o cumprimento, o distinguir: o par diferido: o ímpar.

51 Em *GRANDE*: trabalhos expostos para emergências de o *outro outro*: um *outro outro* que, em vez de bloqueios, abre-se à construção do vigor, do riso, da aberta serenidade, da vida mais.

52 E assim, em *GRANDE*: Vida-Mais. Mais-Vida-Mais; um *Cérebro* põe-se a mover-se: o *Cérebro-Brasil*, e ri. [Pergunta-se alguém ao lado teu, leitor, se não seria isso parte dos modos de se operarem por aqui, nestas terras, ativos deslocamentos: táticos, estratégicos, enérgicos, alegres, decididos, guerreiros. Vitais].

Roberto Corrêa dos Santos é semiólogo, teórico da arte, artista plástico, professor de Estética e de Teoria da Arte do Instituto de Artes da Uerj, pesquisador do CNPq e procientista pelo Programa Prociência (Faperj/Uerj). Tem produzido, assim como analisado, diversos livros de artista cuidando das tensões entre arte e escritura. Dedicou-se à construção das obras Museu do Mundo e Clínica de Artista.